

SINGLER, BETH. RELIGION AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE, 2024. 228P¹

*Eduardo Rodrigues da Cruz*²

Beth Singler, uma pesquisadora ainda jovem que reúne competências em estudos da religião e inteligência artificial, não é uma desconhecida do público brasileiro. Podemos apenas lembrar de seu *Abençoado Pelo Algoritmo: Concepções Teístas sobre Inteligência Artificial em Discursos Digitais*, publicado em português pela revista *Debates do NER*³, em conjunto com um grupo bem qualificado de respondentes.

Seu livro aqui resenhado aparece na série *Engaging with Religion* da editora inglesa Routledge, que apresenta outros títulos relevantes para o trabalho da autora, como *Religion and Science Fiction* de James H. Thrall e *Religion and Conspiracy Theories* de David G. Robertson. Religião e inteligência artificial se fundiram como um tópico relevante, especialmente desde o final de 2022, à medida que a disseminação da IA generativa (como a do *ChatGPT*) cativou a imaginação pública, renovando o interesse em obras relevantes de ficção científica e a presença de teorias da conspiração. Como diz a descrição do livro de Singler, "avanços incrementais em diagnóstico médico, reconhecimento facial, processamento de linguagem natural e robótica... estão transformando a sociedade por meio de impactos mensuráveis nas decisões e oportunidades das pessoas", incluindo o como percebemos e praticamos a religião. A autora navega por essa paisagem, ao mesmo tempo

¹ Como citar: CRUZ, Eduardo Rodrigues da. Singler, Beth. *Religion and Artificial Intelligence: An Introduction*. Routledge, 2024, 228P. *Debates do NER*, ano 25, n. 46, e145063, 2025.

² Doutor em Teologia pela *Lutheran School of Theology at Chicago*. Professor titular do Programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: erodcruz@pucsp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4921-753X>.

³ Ano 23, n. 43, p. 123-139, jan./jul. 2023 - Dossiê "Religião e Vida Digital".

atraente e inquietante, da perspectiva da ciência da religião e empregando métodos da antropologia cultural e digitais (netnografia), movendo-se sem esforço de um campo de investigação para outro. Seu domínio de literatura relevante e atualizada é impressionante, com uma gama abrangente de fontes, incluindo pesquisas acadêmicas de ponta, *blogs*, *sites* e plataformas de mídia social.

Com essas ferramentas, Singler examina os emaranhados⁴ intrincados da religião e da IA, explorando como nossos imaginários coletivos são construídos, moldando nossas concepções do futuro por meio de narrativas utópicas ou distópicas. Seu estilo é envolvente e perspicaz, e resume e atualiza nesse livro trabalhos anteriores dela.

O livro se desdobra em oito capítulos. A Introdução vai além da mera antecipação de conteúdo, apresentando duas breves "vinhetas etnográficas" introdutórias extraídas das próprias experiências da autora, que mostram quão difundida é a pergunta "O que a IA tem a ver com religião?" na comunidade de especialistas. O livro é uma tentativa de responder a essa pergunta, com três atitudes possíveis e inter-relacionadas advindas do campo empírico: rejeição, adoção e adaptação. Em vez de depender de definições rígidas, Singler trata a religião e a IA como objetos dinâmicos de discurso. Ela define, por exemplo, IA em termos mais descritivos, falando de seus objetivos e riscos, sua história e seu futuro, fornecendo aos leitores uma compreensão diferenciada das noções empregadas por meio de descrições vívidas e exemplos ilustrativos.

Quanto à religião, ela descreve três problemas quando se trata de "religiões mundiais": o primeiro se relaciona às descrições de estudos de caso sem referência às tradições religiosas nas quais estão inseridos. Segundo, o

⁴ Para a noção de entrelaçamento (*entanglement*), ela cita Courtney Bender: "com a visão de que a espiritualidade, seja ela qual for e como for definida, está enredada na vida social, na história e em nossas imaginações acadêmicas e não acadêmicas... formas espirituais prosperaram e foram moldadas por enredamentos com o secular, incluindo seus poderosos engajamentos com a ciência e o progresso." (p. 4-5).

referir-se a “religião” quando as pessoas já têm uma ideia do que isso significa com base em suas experiências religiosas diretas ou indiretas. Terceiro, identificar movimentos como religiosos quando eles podem não se reconhecer assim, como quando a autora discute a religiosidade implícita⁵ de algumas formas de transhumanismo (p.16). Em relação a este último, o ponto é que “Apesar de nossa suposta racionalidade, ainda somos, como seres humanos, viciados em iconografia religiosa, mito, narrativa, espiritualidade e misticismo. Somos viciados, em outras palavras, em encantamento” (p.22).

Continuando com a Introdução, esta primeiro expande os métodos para pesquisa sobre religião e IA que a autora e outros empregam. Ela então discute algumas histórias e entendimentos comuns de IA, e da mesma forma para religião, mostrando algumas de suas características, explorando a estrutura de rejeição-adoção-adaptação que constitui a maior parte da primeira metade deste livro. A segunda metade do livro explora algumas das comunidades que se concentram em IA, ou IA e religião, destacando “tribos” relacionadas ao transhumanismo e pós-humanismo, mantendo perspectivas religiosas implícitas e explícitas por meio de narrativas, tropos, imagens religiosas e crenças escatológicas. Ela também menciona o problema de alinhamento da IA, a questão se o propósito que colocamos na máquina é aquele que realmente desejamos.

Os capítulos são assim divididos, grosso modo: na primeira metade de cada um apresenta-se três estudos de caso, enquanto a segunda metade se aprofunda em uma discussão sobre as principais questões que esses casos exemplificam. Destaque-se que cada capítulo conclui com perguntas perspicazes que resumem efetivamente o conteúdo dele e servem como ferramentas pedagógicas, além de desafiar os pesquisadores a aprofundar as investigações. O capítulo dois traz três estudos de caso representativos

⁵ Além do conceito de “religião implícita” (Edward Bailey), a autora tem em mente a “consciência de que alguns eventos na interação entre religião e IA são invisíveis, não comentados e cada vez mais parte de uma cultura à qual estamos nos adaptando sem consciência” (p. 6)

da *rejeição* (incluindo o fenômeno da conspiração), tanto do ponto de vista de certos grupos religiosos cristãos e islâmicos, quanto do discurso da IA que se pretende secular. O capítulo três faz o mesmo para a *adoção* (tanto da IA quanto de tecnologias emergentes habilitadas para IA adotadas por religiões), com estudos de caso de aplicativos de oração, IA generativa e sermões, e robôs teomórficos (tanto robôs que são empregados para tarefas religiosas, como para robôs "fazendo" religião ou "sendo" religiosos, o que levanta questões de autenticidade). A noção de "religião online" foca nos atributos ou recursos específicos da tecnologia que servem para torná-la atraente como uma ferramenta prática para instituições religiosas; ou no que há na religião que a torna positiva em relação à IA. Práticas relacionadas ao mercado aparecem com produtos testados e otimizados para uso regular e personalizados de acordo com as preferências e objetivos espirituais de cada pessoa. O capítulo quatro foca na *adaptação*, talvez o mais difícil dos três tipos de emaranhados entre religião e IA para observar e contextualizar. Estudos de caso mostram instâncias de mídia social (e "bolhas" – p.84) – um espaço onde as religiões emergem e onde os crentes se conectam; adaptações necessárias durante a pandemia de Covid-19; e a natureza dupla de tecnologias *deepfake*. Filtros de "bolha" são favorecidos por algoritmos com "pressuposições sobre a versão 'correta' da religião/crença/ideologia, para a qual os usuários devem ser incentivados" (p.85). *Deepfakes* estão se tornando mais difundidos, e "Crentes e não crentes tiveram que se adaptar a isso, pois uma nova era de manipulação de imagens parece ter começado" (p.90).

A segunda metade do livro sustenta que "imaginários e futuros da IA se tornaram mais proeminentes à medida que consideramos os emaranhados entre transhumanismo e religião" (p.199). O capítulo cinco foca em IA, religião e transhumanismo, apresentando estudos de caso ligados à rejeição do transhumanismo por cristãos; ao experimento mental do Basilisco de Roko⁶, com a rejeição explícita da religião e a adoção de uma religião

⁶ SINGLER, Beth. DEUSES DA IA, DEUSES DO JEANS E DEUSES DA ECONOMIA: RESPONDENDO AOS COMENTÁRIOS AO ARTIGO "ABENÇOADO PELO

implícita; e às visões transhumanistas de uma vida após a morte. O capítulo seis descreve alguns novos movimentos religiosos (NMRs) relacionados à IA, usando como estudos de caso o grupo *Theta Noir*, a *Igreja de Turing*; e mostrando como a IA pode criar religião. O capítulo sete aborda a noção de pós-humanismo e como ela se relaciona com a religião e o conceito religioso de criação. Estudos de caso envolvem a figura tradicional do Golem e como ela se relaciona com a IA hoje em dia; o videogame *NieR: Automata*; e como a IA generativa levanta questões de "Consciência", "Senciência" e "Alma" nos agentes de IA.

O último capítulo resume o argumento retomando essas três áreas temáticas, emaranhados, imaginários e futuros. Para Singler, "Se a religião for considerada a mais importante das duas, ela será vista como a força modeladora em nossos imaginários e futuros de IA. Se a IA for percebida como um novo evento de mudança mundial, se nossos imaginários e futuros foram moldados pela religião, ela tem estado, em última análise, a serviço de nossas percepções de IA" (p. 201).

A ficção científica, por outro lado, auxilia os imaginários, com visões utópicas e distópicas do futuro, marcadas tanto pelo tecno-determinismo quanto pelo tecno-optimismo. Duas "tribos" são analisadas ("cultos", se considerarmos seus fundamentos religiosos, incluindo duas visões escatológicas do futuro): os "aceleracionistas eficazes" [*effective accelerationists*] e os preocupados com o risco existencial, cada um com sua própria forma de religiosidade implícita. Esta religiosidade, em conjunto com o surgimento de NMRs de IA, podem reencantar o mundo (p. 75).

Alguns problemas devem ser destacados nesse livro. Primeiro, nota-se alguns erros de revisão. Por exemplo, na p. 17, um autor bem conhecido da ciência da religião teve seu nome escrito incorretamente como "Strausberg"; a grafia correta é "Stausberg". Na p. 52, deveria ser "Josephson-Storm", não

ALGORITMO". *Debates do NER*, v. 23, n. 43, p. 123–139, 2023. DOI: 10.22456/1982-8136.136578. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/136578>. Acesso em: 20 set. 2025.

“Storm-Josephson”. Além disso, as referências de fim de capítulo deveriam ser compiladas no final do livro. Às vezes, Singler cita autores mencionados antes no texto, deixando o leitor adivinhar qual capítulo contém a obra em questão. Ao se organizar as referências dessa forma também pode-se evitar omissões, como no caso de Bialecki (2022), obra que não está listada⁷.

Além disso, leitores familiarizados com o campo da “religião digital” notarão que Singler reconhece alguns de seus principais autores, como Heidi Campbell, Lars De Wildt, Christopher Helland, Stewart Hoover, Mia Lövheim e Kerstin Radde-Antweiler, entre outros. No entanto, esses autores são mencionados apenas brevemente, sem discussão aprofundada de suas posições. Para seu crédito, a abordagem de Singler é original o suficiente para se manter independente, sem ser influenciada de modo marcante por nenhum desses autores.

Talvez alguns leitores estranhem a caracterização feita por Singler do transhumanismo e do pós-humanismo, pois não fica muito claro qual é a diferença entre os dois movimentos. Melhor seria reconhecer que transhumanistas e pós-humanistas representam duas “tribos”, a primeira composta principalmente por tecnólogos e a segunda por investigadores em estudos culturais⁸.

Finalmente, destaque-se a decisão algo infeliz da editora em imprimir os livros da série em um tamanho acima da média, com uma fonte pequena e espaçamento estreito entre linhas, o que torna a leitura desafiadora. Neste caso, a versão digital oferece o melhor dos dois mundos: é gratuita e os leitores podem ajustar o tamanho do texto para facilitar a leitura.

Apesar desses pequenos problemas, este livro é uma leitura essencial para qualquer pessoa interessada na intersecção entre religião, ciência e

⁷ Muito provavelmente Jon Bialecki, *Machines for Making Gods: Mormonism, Transhumanism, and Worlds without End*. Fordham U. Press, 2022.

⁸ Para essa diferença, ver Francesca Ferrando, *Transhumanism/ Posthumanism*. In *Posthuman Glossary*, ed. Rosi Braidotti and Maria Hlavajova. London: Bloomsbury Academic, 2018, 438- 39.

tecnologia contemporâneas, particularmente aqueles que lutam com as questões profundas levantadas pelo transhumanismo, pós-humanismo e NMRs relacionados, assim como desenvolvimentos recentes da IA. Interessa também aos leitores brasileiros, sejam os pesquisadores já familiarizados com os estudos de “religião digital”, sejam apenas aqueles inquietos com o significado existencial desses desenvolvimentos tecnológicos.

Recebido em: 06/01/2025

Aprovado em: 22/08/2025